DIÁLOGO ENTRE LITERATURA E SOCIEDADE EM *COISAS DO REINO DO JAMBON*, DE LIMA BARRETO

Paulo Alves*[1]

***RESUMO**: Este trabalho visa a jogar luz sobre a relação entre literatura e sociedade no pensamento de Lima Barreto e como ele equaciona o diálogo entre ambas. A partir de que se cotejará sua concepção de literatura e que função ele lhe atribui. A literatura neste autor não tem outra função senão a crítica sócio-política, a conscientização dos indivíduos sobre seus direitos na trama social, sem esquecer o valor estético. Usando da arte ele trata de temas sérios sem tornar-se sisudo nem maçante. Nele, a arte constitui-se um meio, pelo qual o homem torna-se mais humano.*

***PALAVRAS-CHAVE**: Crítica social, Função da literatura, Poder*

***RÉSUMÉ**: Ce travail essaye de mettre sous une nouvelle lumière le rapport entre la littérature et la société dans la production de Lima Barreto et comment il y réussit mettant en dialogue les deux facteurs. L'étude cherche à départir la littérature et la fonction qu'il lui donne. La littérature chez cet auteur n'a d'autres fonction que la critique sociale et politique; aussi bien que la conscientisation des individus dans la trame sociale sur leurs droits; sans oublier de la valeur esthétique. En faisant usage de l'art il traite de sujets sérieux sans pourtant devenir grave ni ennuyant. Chez lui l'art devient un moyen qui rend l'homme plus humain.*

***MOTS CLÉF**: Critique sociale, Fonction de la littérature, Pouvoir*

***ABSTRACT**: This work aims to draw on the connection between literature and society in the thought from Lima Barreto. And how he performs this dialogue between the either. In his view of literature and role it assigns to the literature on this writer has not other function or else the critical socio political. The awareness of individuals in the social plot of their rights, no to mention aesthetic value. Using the art he deals with serious subjects without to become dour or boring. For writer the art constitute a means by the man become more human.*

***KEY WORDS:** Social criticism, Function of literature, Power*

* O autor detém o grau de mestrado pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Introdução

Dentre os escritores brasileiros, poucos compreenderam a cultura nacional, de forma tão profunda e escandalosamente clara, como Lima Barreto. E nenhum outro a criticou tão veemente quanto ele. Dispersa em sua obra literária e jornalística, encontra-se uma das críticas mais ferrenhas e ácidas que já se ousou fazer ao sistema político e social tupiniquim. Sua obra divide-se em ficção: romances, contos e sátira; jornalismo: crônicas e artigos; crítica literária; e escritos cunho pessoal: diário e correspondências. Há, porém, um volume que enfeixa conteúdo variado, constitui-se obra mista. Entre jornalismo e ficção, *Coisas do Reino do Jambon* é uma coletânea de artigos, crônicas e textos fictícios, todos publicados em jornal; de tom sarcástico, sobretudo a segunda parte intitulada "Hortas e capinzais". Isso valeu à obra a classificação de sátira, pela maioria dos críticos. Os textos fictícios que aí figuram falam do Brasil como sendo uma outra terra de costumes bizarros, mas em tudo se identifica com este país, diga-se de passagem, era o objetivo do autor: usando desde artifício estava mais livre e a "salvo" para dizer aquilo que via como verdade.

Esta pesquisa, ora se ocupa do livro supracitado. Nele se cotejará a relação dialogal entre literatura e sociedade, através da ação crítica de autor. Olhando por este visor, observar-se-á a função que ele atribui à literatura e em qual a função ele mesmo a emprega. De permeio se aferirá uma definição de literatura no autor e, como garantia de validade de argumento, se justaporá a definição deste autor à concepção de literatura de mais dois críticos: Antonio Candido e Edward Said.

Em *Coisas do Reino do Jambon*, Lima Barreto não poupa ironia. Em que pese sua causticidade, não é difícil ao leitor esclarecido perceber que ali repousa a mais nítida das verdades já proferidas sobre este país, seus homens públicos e sua elite detentora do poder e da economia. O abuso de poder e incompetência dos poderosos, prática corriqueira, por demais, neste país abaixo da linha do Equador, é o prato preferido do escritor. E ele não só cita, comenta e critica, como indigita o indivíduo nomeando-o sem o menor sobrosso. Como ele bem disse: *... eu não tenho medo da palmatória do Feliciano e escrevo com muito temor de não dizer tudo o que quero e sinto, sem calcular se me rebaixo ou se me exalto* (CRI,1956:257).

1 – A função da literatura em Lima Barreto

O livro *Coisas do Reino do Jambon*, ao lado de *Os Bruzundangas*, é considerado sátira. Não se sabe a que título os críticos os qualificam com esse epíteto, contudo, ao primeiro contato fica claro que são obras não apenas irônicas, mas sarcásticas. No título já se percebe que o autor, embora apresentando-se de forma lúdica não está para brincadeiras, aliás, é muito sério o assunto por ele tratado. Vez por outra, o autor acerta a mão nos títulos de suas obras: foi assim com *Os Bruzundangas*, com *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, também com este, *Coisas do Reino do Jambon*, que a princípio parece inocente, mas ao olhar o texto que abre o livro sabe-se em que implica o apelativo do tal reino. Bruzundanga significa coisa sem valor, mal realizada, confusa. Com isso ele denomina um país estranho que em tudo é o Brasil. As iniciais "M. J.", com que abrevia o início do nome do Gonzaga de Sá, no título da obra *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, constitui uma "pequena" afronta à elite e aos pretensos beletristas da capital federal, que faziam uso de um português gongórico academicisante, que pouco ou nada exprimia de verdadeiro em termos de literatura. O "emejota" lembra o ato de expelir urina. Como se vê, não seria possível pronunciar o título desta obra nos salões, ou se o fizessem realizaria a marca barretiana.

No título "*Coisas do Reino do Jambon*", mesmo soando ingênuo ou levemente engraçado, subjaz uma ácida crítica comportamental aos detentores do poder deste país e seus apaniguados. Eis o parágrafo inicial em que ele explica a razão do título:

> O Reino do Jambon é assim chamado porque afeta, mais ou menos, a forma de um presunto. Até aqui, não tem sido comido; mas tem sido muito roído. Roem-no os de fora; roem os de dentro; mas não há meio, quer uns, quer outros de o deglutirem completamente. O diabo da perna de porco resiste à voracidade externa e interna de uma maneira perfeitamente milagrosa (27)[2].

Neste pequeno excerto, o autor faz densa crítica aos corruptos políticos, aos "cavadores", que iguais ratos infesta(va)m os desvãos do poder, e aos entreguistas que joga(va)m o país às mãos dos exploradores estrangeiros. Mesmo assim o país resiste bravamente. No próximo tópico será tratado melhor esse tema. Aqui basta mostrar o concernente à explicação do título.

Pelo parágrafo supracitado tem-se uma idéia do que representa a literatura para Lima Barreto. É uma arte, que por ser ação humana, busca possibilitar o bem do ser humano, propondo melhorias ao meio social, em que vive os humanos. Aqui se cotejará duas concepções de literatura do autor: uma no livro analisado, outra na obra

[2] As citações referentes à obra *Coisas do Reino do Jambon*, serão indicadas apenas pelo número da página.

Impressões de leitura. Naquele, tratando do que falta a um ministro de Estado que se arvorava escritor afirmava: *O que falta ao Senhor Domício da Gama é força, é vigor de alma, é paixão, é necessidade de amar e de odiar*. E completava: *A sua literatura foi uma coisa assexuada, catitinha, limpinha, sem altos nem baixos, sem um acento forte de um qualquer sentimento pessoal e muito menos geral* (41). No *Impressões de leitura* tem-se:

> Mais do que qualquer outra atividade espiritual da nossa espécie, a Arte, especialmente a Literatura (...) mais do que ela nenhum outro qualquer meio de comunicação entre os homens, em virtude mesmo do seu poder de contágio, teve, tem e terá um grande destino não nossa triste Humanidade (IL,1956:66)[3].
>
> Ela (a literatura) sempre fez baixar das altas regiões das abstrações da Filosofia e das inacessíveis revelações da Fé, para torná-las sensíveis a todos, as verdades que interessavam e interessam a perfeição da nossa sociedade (...) ela, não cansada de ligar as nossas almas, uma às outras, ainda nos liga à árvore, à flor, ao cão, ao rio, ao mar e à estrela inacessível; ela nos faz compreender o Universo, a Terra, Deus e o Mistério que nos cerca... (Idem:67).

No primeiro trecho, ele cita o que se faz necessário para que se produza literatura, mas não uma qualquer; literatura é reflexão comprometida socialmente. O segundo, apresenta a arte, especialmente a literatura, como o meio de comunicação por excelência, podendo dar bom destino à, não muito bem guiada, humanidade. No terceiro, a literatura é indicada como o elemento além de agregador, porquanto une as almas, unificador, ligando o ser humano ao universo, a Deus e aos mistérios: os três elementos que sempre atraíram a atenção dos indivíduos, preocupando-os e instigando-lhes a inteligência e criatividade. O que Lima não compreendia era o fato de *ter existido, de existir, e haver de existir, literatos lacaios, cavadores de propinas, gratificações, ajudas de custo, obtidas com lambidos artigos de um proxenetismo torpe, a grandes notabilidades munificentes, à custa do Estado* (BG,1956:248). Em outras palavras, a prostituição literária: isso lhe era difícil admitir.

Visão idêntica da literatura tem Antonio Candido, estudando a influência da literatura no desenvolvimento de uma comunidade, especificamente da cidade de São Paulo. *A literatura, (...) é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas e congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma "comunhão"* (2000:139). Mais a frente, este apresenta a relação entre produção literária e vida social como *ligação orgânica* (Idem:142), afirmando logo em seguida

[3] As citações retiradas das outras obras de Lima Barreto, serão indicadas pelas iniciais de cada obra, relacionadas ao lado da mesma, nas referências bibliográficas e ano do texto, seguido da página.

que *a literatura e os escritores se integram na sociedade* (Idem:166). Esse efeito ocorre quando a literatura é concebida como elemento de serviço ao social e crescimento humano; e espaço de encontro dos indivíduos, tendo por base a mútua ajuda, tal como a percebia o autor de *Coisas do Reino do Jambon*.

Raciocinando a literatura por este viés, certifica-se de que ela tem outras funções que não a de distrair e preencher o tempo de ociosos. A literatura praticada por Lima Barreto é tacitamente de conscientização. Tendo por objetivo abrir os olhos às massas para que vissem a exploração em que estavam submergidas. Sob esse mesmo visor coloca à literatura o crítico cultural e multiintelectual Edward Said. Em sua obra, *Cultura e imperialismo*, a literatura é posta como um instrumento de grande importância para descerrar o véu que oculta a ideologia impregnada em cada ato humano através das idéias. De acordo ao seu pensamento *A vocação poética nasce a partir de um pacto entre o povo e o poeta: daí o poder, para um poema real* (1999:294). E pelo lado negativo, isto é o que não deve ser a literatura afirma ele: *práticas culturais distanciadas e esteticizantes dividem e anestesiam a consciência metropolitana* (Idem:176). Mas é bom frisar que tais práticas dividem e anestesiam os colonizados também e aqui sim é danoso e cruel, porquanto os indivíduos não percebem a própria miséria; no mais das vezes, justificando e legitimando a própria exploração. Assim é que se quer apresentar a literatura, nesta pesquisa, baseando-se na concepção desses três autores.

2 – O escritor: os olhos e a consciência da sociedade

Escreveu E. Pound, há algumas décadas, que *os artistas são as antenas da raça* (1990:71). Verdade ou não, Lima Barreto assim agiu durante sua atuação como homem de letras. Seja atuando como ficcionista, seja como jornalista, seu fito é um só: defender a si próprio e ao povo suburbano esquecido pelo poder publico, pondo a nu a corrupção e as negociatas das altas esferas do poder, que tinha sempre por objetivo o autoenriquecimento cujas vítimas era o cidadão comum que trabalhava para pagar a conta das despesas astronômicas contraídas por projetos faraônicos e inúteis. Ele, sempre atento, percebia o *arrière plan,* que se esconde sob cada tramóia do Estado, às vezes, mal disfarçada pelo manto da proteção às classes menos favorecidas. Usando de sua perspicácia e consciência da realidade desmascarava as falácias do governo e revelando cada fibra mal tecida do ilusório tecido político-social. Diz ele cheio de verve: *... a data marcada para eleição do presidente desta nossa venturosa república, cuja única prova de existência tem sido aumentar impostos, enriquecer mais os ricos e empobrecer ainda mais os pobres* (VU,1956:274). E finda

por coroar seu raciocínio com esta constatação: *O governo sempre protegeu os imbecis e sempre acoroçoou as mediocridades* (81). Leia-se, por essa afirmação de Lima, aos corruptos e lacaios.

Defendendo os pobres, vítimas da especulação inflacionária, critica os homens do governo nestes termos de fortes tintas. *Ele (*Amaral*) sabe o formulário; e, como tal, acha o Rufino um homem extraordinário, prático, tão prático que está achando meios e modos de matar a nossa gente pobre de fome*. E continua: *O açúcar, produto nacional, a mais nacional que há, que é vendida aos estrangeiros por 6$000 à arroba, é vendida aos retalhistas brasileiros por mais de 10$000*. E fecha sua observação: *Sabem quem é o chefe de semelhante bandalheira? É o Zé Rufino Bezerra Cavalcanti – Cavalcanti, com "i", porque ele não é mulato – graças a Deus!* (Idem:120). Lima constituía uma consciência percuciente difícil de ser enganada, atento ao que se passava na sociedade e na elite, chamava a atenção dos pobres para os riscos que os ameaçavam.

Sempre pronto a questionar, a por à luz o que se insistia em camuflar, estava sempre apontando os deslizes dos poderosos, as sutilezas falaciosas dos aproveitadores de privilégios e "cavadores" de propinas. Assim fez com o feminismo "burocrata" como costumava chamar esse novo hábito das mulheres travestido de libertação, mas no seu bojo vinha prenhe de interesses de classes. O motor gerador da polêmica é o termo "brasileiro". Cita o autor:

> É muito engraçado! Para o tal feminismo que anda aí, o "brasileiro" da Constituição inclui as mulheres quando se trata do provimento de cômodos cargos públicos; mas, quando se trata do trabalhoso serviço militar, criado para a "defesa da Pátria", nos termos da Constituição, no "brasileiro" desta, não entra mais a mulher, mas unicamente o homem, sendo preciso uma lei especial do congresso, para que a "mulher" possa prestar o árduo mister de soldado ou marinheiro (54)

Interessante é observar que o autor não deixa por menos: flagra e desnuda as piruetas argumentais que as feministas de plantão faziam para tirar proveito. Quando estava em questão o serviço militar, isto é, esforço de verdade, diziam elas que o termo "brasileiro" referia-se apenas ao sexo masculino; mas quando estava em jogo emprego fácil e bem remunerado, entendiam as descendentes de Eva, que este "brasileiro" tinha semântica generalizante e abrangia também o sexo feminino. O adjetivo pátrio fez render discussão na obra do autor. Em outro livro, ele o aborda de maneira realmente satírica, mas plausível, em se tratando de prática política no Brasil. Diz o autor: *O exegeta ministerial, depois de verifica que o papagaio tinha nascido na Bruzundanga e era, portanto, bruzundanguense, concluiu, muito logicamente, que ele podia e lhe assistia todo o direito de ser provido em um cargo público de seu país*.

Enfim o desfecho: *E foi assim, segundo me conta a missiva que recebi, que um "louro" bem falante foi nomeado arauto d'armas da Secretaria de Estado de Mesuras e Salamaleques da República dos Estados Unidos da Bruzundanga* (BZ,1956:195). É claro, que aqui o termo bruzundanguense equivale ao, "brasileiro" que é problematizado no texto anterior. A lógica que subjaz à critica barretiana é que os termos são manipulados pelos donos do poder e seus protegidos da forma que melhor lhes agradam e tragam lucro.

Um texto que demonstra esta atenção do autor para com o que se passava na sociedade é a crônica "A Casa dos Espantos" que versa, entre outros assuntos, sobre o uso indevido do bem público, caracterizando abuso de poder. Neste escrito, Lima crítica ninguém menos que o Ministro dos Estrangeiros, chefe do Itamarati, por conta de sua esposa, que "deu na telha" de oferecer um jantar ao corpo diplomático nas dependências do próprio ministério. Ao texto: *Na tarde de 12 do mês corrente, eu li esta notícia em um jornal: "A Senhora Domício da Gama dá hoje a sua primeira recepção ao corpo diplomático e às pessoas da sociedade que queiram cumprimentá-la"*. Prossegue o texto com a surpresa: *Continuei a ler a notícia e deparei com isto: "A recepção realiza-se no Itamarati, das quinze às dezessete horas". Homessa! Então o Senhor Gama não tem casa? Como é que uma mulher (...) serve-se de um edifício publico para dar recepções?* Agora o questionamento: *Quem é o ministro? É Mister Domício da Gama ou Mistress Gama? A república deu agora para transferir as honrarias dos maridos às respectivas mulheres?* Vendo-se o autor, violentado no mais íntimo de sua consciência, diante de tal abuso; sentindo-se minúsculo, impotente diante do Estado autoritário e "todo-poderoso", a única arma de que dispunha era a pena, apela para a ironia: *Amanhã, a senhora do Senhor Delfim Moreira, quando for dar um passeio a Paquetá, há de exigir salvas de vinte e um tiros, marinheiros nas vergas, tanto dos navios nacionais como dos estrangeiros*. E prossegue tirando conclusões do ato visto, como que diz: se isso faz escola...: *Correndo as coisas assim as esposas dos oficiais da Polícia, da Guarda Nacional, do Exército (...), da Armada, terão de representar aos respectivos chefes de estado-maior (...), contra os soldados que não lhes fizerem continência na rua e em outros lugares públicos!* (39). Lima Barreto, diante dos desmandos do governo e elite, não hesitava em lançar mão da crítica acidulante e da ironia corrosiva, como única arma, que dispunha, de defesa e por que não de ataque?

3 – A crítica, através da arte, à sociedade

A literatura para Lima Barreto tem função social (BZ,1956:32). Não era como diziam alguns do seu tempo que o literato não o tinha. Mas literatura como ele a concebia, isto é, uma literatura militante, que não seja esteticizante, que não sobreponha a forma ao conteúdo, que não seja estilizante preocupada apenas com o palavreado entorpecendo as consciências. Mas uma literatura que conserve a preocupação com o *saeculum* e suas contingências. É o próprio Lima quem afirma: *Não é isso* (uma literatura contemplativa) *que os nossos dias pedem; mas uma literatura militante para maior gloria da nossa espécie na terra e mesmo no Céu* (HS,1956:34). Para ele a literatura era, como depois definiu Antonio Candido, comunicação. A mensagem de alerta conscientizadora estava acima de qualquer estilo ou escola literária. E certa feita, respondendo a um seu leitor que lhe escrevera uma carta anônima lhe acusando de forjar seu romances sob os processos jornalísticos diz: *Poderia responder-lhe eu, em geral, os chamados processos do jornalismo vieram do romance; mas mesmo que, nos meus, se dê o contrário, não lhes vejo mal algum*. E conclui: *desde que eles contribuam por menos que seja para comunicar o que observo; desde que possam concorrer para diminuir os motivos de desinteligência entre os homens que me cercam* (Idem). Eis aí o objetivo que motivava o autor de *Clara dos Anjos*. Em outras palavras, defendia uma literatura que passe pela poeira e lama dos subúrbios, que experimente a mesa vazia e o aluguel por saudar, que sinta a dor física e moral dos sem voz e explorados. Em suma, sentimento humano é a condição *sine qua non* de se fazer literatura, pois esta não é o "sorriso da sociedade" como apregoava um seu coevo, um certo Afrânio Peixoto[4]. Pelo sim, pelo não, os autores que sobreviveram até a atualidade são os que, em suas obras, foram além de uma literatura de passatempo.

Não adianta querer uma literatura desideologizada, simplesmente não há. E se alguém pretendesse produzir tal literatura, estaria sendo francamente ideológico, pois a literatura este imbricada com o social, e este é ideologia pura. Nem deve se preocupar em dar ouvidos a quem propala que os novos métodos de estudo da literatura são ideológicos e os antigos não. Ora veja, o que se pode discutir é, quais seriam os mais e os menos ideológicos. No fim de contas, um método que se esforce por demonstrar que não há social na literatura[5] é mais ideológico que o que afirma,

[4]A literatura é como o sorriso da sociedade. (Apud Bosi,1973:87)

[5] O Formalismo, o Estruturalismo, grosso modo, defende a idéia que a obra literária deve ser abordada sem nenhuma referencia ao autor nem à sociedade. Seus herdeiros sustentam o mesmo chegando J. Derrida a afirmar: *I n'y a d'hors-texte*. Ao passo que a Sociocrítica, os Estudos Culturais, etc. defendem o contrário: na obra literária há muito do seu autor e do meio em que foi

está o social presente na literatura, pois isso é tacitamente consabido. O primeiro é que está falseando a realidade (ideologia no sentido marxista), ao passo que o segundo está sendo ideológico no nível das necessidades básicas humanas. Mesmo um romance que trate do "sexo dos anjos" está sendo pró uma classe, contra outra, implícita ou explicitamente. Não há literatura neutra.

E. Said é enfático. *Inúmeros historiadores da cultura, e certamente todos estudiosos da literatura, deixaram de observar a nota* geográfica (grifo do autor)*, o mapeamento e levantamento teórico do território que se encontra por trás da ficção, da historiografia e do discurso filosófico do Ocidente* (1999:95). Após este alerta de que os estabelecidos no poder fingem não saber ou insistem em "esquecer", as injustiças e exploração entre regiões, países, continentes, ele vai além: *o romance, como artefato cultural da sociedade burguesa, e o imperialismo são inconcebíveis separadamente* (Idem:109). E analisando romances britânicos em relação ao mundo árabe, expõe uma observação desconcertante, mas que para os colonialistas nada significa. *É impressionante como esse mundo*[6]*, no romance, nunca é visto senão como subordinado e dominado, e a presença inglesa vista como normativa e reguladora* (Idem:114). Depreende-se dessa observação que o romance, de ideologia colonialista, sempre veicula a história em prol dos colonialistas imperialistas. Dessa forma pode se arriscar em afirmar que existem "duas" literaturas: uma crítica, outra aliciante, esta alienante, aquela conscientizadora; Lima Barreto escolheu a primeira. Fazendo coro com Said e Lima, Antonio Candido postula que *a obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição* (2000:30). Na sequência do texto, Candido aponta a ideologia como um dos elementos que intermedeiam a relação autor-obra-leitor, tendo como lastro e anteparo a sociedade. Inteligentemente Lima Barreto foi à redoma para captar os seres que aí se desenvolviam, utilizando da literatura para criticar a sociedade

Ação em que ele não foi parcimonioso nem agiu com fortes pudores; falou o que percebia e sentia da forma mais clara possível. Tratou de todos os temas que estavam ao alcance do conhecimento humano, centrando sua crítica contra a incompetência dos poderosos, o abuso de poder, a concupiscência das elites, como variantes da corrupção. Também não lhe passou despercebido a organização social e os hábitos do brasileiro. Uma das variantes do abuso de poder que o irritava

produzida. A. Candido afirma: *A obra depende do artista e das condições sociais que determinam sua posição* (2000:30).

[6] E. Said fala do mundo árabe, contudo, isso pode ser aplicada a toda relação entre colonizador e colonizado, entre dominador e dominado em qualquer tempo e espaço habitado pelo ser humano.

profundamente, e com razão, era a manipulação de situações, pelos poderosos, para beneficio próprio. Numa de suas crônicas, intitulada "'Encrencas' nacionais", aborda o amadorismo irresponsável e trapaceiro com que é tratada a coisa pública neste país. Inicia com a triste constatação: *Este Brasil é o país das "encrencas". Não se conhece no mundo nação mais cheia de atrapalhações do que esta. Todo ano aparece uma e elas se somam sem que qualquer seja resolvida* (29). Discurso mais atual do que esse não existe, em pelo séc. XXI, os problemas simples no Brasil ainda se avolumam sem que ninguém se preocupe em resolvê-los.

E aos poucos começa a sangrar governo e sociedade impiedosamente: *Não sei para que há tantos sábios e doutores, no Brasil, se eles não dão solução a tais "encrencas"!* (29) Depois começa a enumerá-las. O primeiro é *o déficit*, e "lamenta" porque há tantos financeiros e economistas de valor se não o acabam? E completa: *É uma pergunta muito natural que um leigo como eu, em matéria de finanças, faz logo e os entendidos deviam responder cabalmente* (30). Em seguida, passa à próxima: *As tais secas do Norte são outra atrapalhação*. E continua: *O Brasil possui celebridades em engenharia hidráulica e, apesar de há tantos anos tratarem elas de acabá-las e se haver gasto rios de dinheiro (...) não deram cabo do flagelo que continua a dizimar milhares de pessoas de tempos em tempos* (30). Como se vê o que se convencionou de chamar a "indústria da seca" já vem de longas datas, ou seja, a falta de vergonha tem a mesma idade que o ser humano. Depois evoca uma nova encrenca. *E o caso do Lloyd? Há não sei quantos anos vários alvitres são apresentados para que ele dê renda. Mudam os administradores e ele continua a ser um sorvedouro de dinheiros públicos* (30)[7]. Para o tema do Lloyd também não faltam exemplos atuais, o caso dos precatórios ainda está bem recente. Aliás, sorvedouro de dinheiro público é o que não falta ao Estado brasileiro: para isso ele tem verba! Quem não lembra a negociata no governo FHC com o governo francês, quando o Brasil inventou de comprar um porta-avião à França, sem a menor necessidade; completamente obsoleto e, como se não bastasse, desprovido de qualquer instrumento que lhe permitisse entrar em uso? Mas, em se tratando do Brasil, encrenca é o que não falta.

Uma outra "encrenca" nacional é o tal do "café". De quando em quando, trata-se de valorizá-lo. Fazem-se emissões, empréstimos vultuosos e nunca ele fica valorizado de vez (30). Em outro texto, ele volta à carga tratando somente da

[7] O Lloyd era uma corporação de seguros marítimos sediada em Londres. Associação existente na Bolsa Real em Londres, compreendendo subscritores, comerciantes, proprietários de navios e corretores, que fomentam o comercio, especialmente o seguro marítimo. A casa teve origem no Séc. XVII para o negócio com café.

encrenca do café, que realmente é um problemão. *Tenho ouvido dizer que o café é a maior fortuna do Brasil; que ele, quase unicamente, contribui para a riqueza orçamentária da nossa pátria*. A partir dessa premissa constrói a contradição do sistema para por a nu os interesses fisiocráticos do governo e elite. *Sempre tenho ouvido dizer que quem tem dinheiro, dá dinheiro e não pede dinheiro. O tal café, porém, só leva a pedir dinheiro. Como é que ele é riqueza do Brasil?* E continua fustigando: *Não se abre um jornal, governista, neutro ou oposicionista, que não se encontre uma lamúria, uma "facada" da lavoura de café! Um dia é porque os preços estão baixos; outro dia porque o câmbio baixou; outro é porque...* Diante desse estado faz a exigência de cidadão: *Urge que se tenha uma explicação satisfatória para um tal estado de coisas* (93). Finaliza com a razão de seu questionamento: *Não sou economista, nem financista, nem juristinista, mas um tal fato me causa pasmo e assombra-me. Estou, portanto, no meu pleno direito, de pedir aos sábios das escrituras explicação para esses milagres da natura* (94). Percebe-se que a técnica de Lima Barreto e um tanto socrática: o questionamento incisivo, recamado de ironia. Ele próprio aconselha o uso da ironia como uma técnica infalível. *A troça é a maior arma de que nós podemos dispor e sempre que a pudermos empregar, é bom e é útil. Nada de violências, nem de barbaridades. Troça e simplesmente troça, para que tudo caia pelo ridículo*. E arremata: *O ridículo mata e mata sem sangue* (119). Nessa questão de "lógica" inversa que o governo e as elites deitam à sociedade goela a baixo, pode-se fazer um paralelo com a situação da Previdência pública social (INSS). Fala-se sempre que está falida, contudo constantemente ouve-se falar de desfalque financeiro. Aqui se pode aplicar o raciocínio barretiano, donde não se tem não se pode retirar, e pelo que se sabe desvia-se sempre dinheiro, e muito, da Previdência.

Lima ainda aborda um outro problema: *O carvão nacional também faz parte das complicações nacionais. Dizem uns que ele presta, dizem outros que ele não presta para nada. O governo tem gasto um dinheirão com ele*. E continua: *entretanto uma partida do mesmo que estava no cais do porto, quando há dias houve lá um incêndio, foi a única coisa que não pegou fogo, conforme noticiaram os jornais. Belo carvão!* (30). Sem comentários! Ressalta-se apenas que em todas essas encrencas abordadas na crônica, havia grandes somas de dinheiro envolvidas. Para isso é que o Estado finge-se de ingênuo: desviar verbas para seus protegidos.

Muito crítico em relação a administração pública, desconfiava de tudo; os antecedentes desta a condenava. Foi com essa disposição interna que viu as discussões para a implantação da primeira universidade no Brasil em 1920. Aborda o problema nestes termos: *Não há dúvida alguma que o ensino público vai melhorar. (...). O Senhor Alfredo Pinto, que, além de cuidar de Justiça, trata de tapetes,*

demonstrou ao chefe do Estado, a necessidade de se criar nesta cidade uma universidade. Na sequência diz: *Que fez o presidente? Catou aqui e ali algumas escolas e faculdades; e – bumba! – decretou a existência de uma universidade nesta muito leal e heróica cidade*. Em seguida ironiza: *A nova universidade tem, entretanto, uma cousa original. As outras têm uma faculdade de direito; a nossa tem duas*. E apresenta sua conclusão sobre o assunto: *Essa universidade está parecendo com os prédios da avenida; é só fachada, e nada mais*! Por fim a triste constatação: *Verdadeiramente o bom senso não é a nossa principal qualidade de povo! Enfim, era preciso que tivéssemos uma originalidade qualquer, e essa parece ser a mais frisante*[8] (137-8). Essa era uma das maiores qualidades de Lima Barreto, que a sociedade não quis aproveitar, como farol de alerta para melhor conviver elite e povo numa relação de justiça e respeito mútuo, bem gerida pelo poder público.

Conclusão

Uma leitura mais acurada de Lima Barreto mostra que o texto constitui um espaço de luta. Luta pacífica. Mas continua tendo como aliado a consciência de cada indivíduo, na busca da realização plena do sujeito através da justiça social. Em sua obra, encontra-se a arte com função específica: em si própria, elevar o humano, e pela justiça que ela porta, dignificar a vida. Nas duas primeiras décadas do séc. XX representava ele um olho-atento diante dos poderosos opressores e da elite arrivista. Seu compromisso parece ser com a transparência das ações, a fim do bem-estar comum. Como conseqüência atraiu a si a ojeriza do poder e a indiferença da elite. Não obstante sua inteligência percuciente, viveu e morreu na mais completa indigência, mas nunca fez concessão a quem quer que fosse.

[8] Mais uma vez, o autor demonstra perspicácia nas suas análises críticas. Esclarece-nos, neste particular, o historiador Héladio C. G. Antunha: *Sabe-se que a Universidade do Rio de Janeiro foi criada, em 1920, em virtude da necessidade de ser outorgado o título de Doutor* Honoris Causa *ao Rei Alberto I, da Bélgica, como parte das homenagens que lhe deveriam ser prestadas, protocolarmente, por ocasião de sua visita oficial, dentro do quadro das comemorações do centenário da independência* (Apud Piletti,1997:80). Como de costume, a cúpula dominante deste país nunca se preocupou com a sociedade, mas sim com ela própria e com os estrangeiros, especialmente da Europa Ocidental e da América do Norte. A esses tudo. Como bem se vê, a universidade não foi pensada, neste país, para o bem da população, mas como debique dos arrivistas aos forasteiros.

Referências Bibliográficas

BARBÉRIS, P. "A sociocrítica". in BERGEZ, Daniel, Et all. *Métodos críticos para a análise literária*. trad. Olinda M. R. Prata. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p.143-82.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio/Brasília: INL, 1975.

BARRETO, Lima. *Bagatelas* (BG). São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Os Bruzundangas* (BZ). São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Coisas do reino do Jambon*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Correspondência Tomo II* (CRII). São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Histórias e Sonhos* (HS). São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Impressões de leitura* (IL). São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Vida Urbana* (VU). São Paulo: Brasiliense, 1956.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. trad. M. Ávila, Eliana L. L. Reis, Gláucia R. Gonçalves. 2ª reimp. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

BOSI, Alfredo. *O Pré-Modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1973.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*: estudos de teoria e história literária. 8ª Ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

MEMMI, Albert. *Retrato do Colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. 3ª ed. trad. Roland Corbisier e Mariza Pinto /coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

PILETTI, Nelson. *História da Educação no Brasil*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

POUND, Ezra. *Abc da literatura*. São Paulo: Cultrix, 1990.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.